



Quinzenário de crítica — órgão do humorismo local

Guimarães, 11 de Julho de 1915

DIRECTOR E EDITOR,
Manuel José da Costa Guimarães

REDACTOR,
A. Teixeira Lopes

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO,
José Serafim da Rocha

Colaboradores: D. Miquelina Galça e Pina, Luís Teixeira Jacinto, Franklin Júnior, Acácio Freire, José Gois, Ferrabraz, S. de Castro, A. Leite, C. Barbosa, E. Santos, V. Passos, A. de Matos, etc.

Redacção e Administração—Rua Egas Moniz, n.º 11

Propriedade da Empresa «O ESPIÃO»

Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesse
68, Rua de Paio Galvão, 72

O Espião é o jornal humorístico de maior tiragem no norte do país.

Da Tribuna

Dizem...

Não sei se é verdade, mas julgo que sim, que Portugal é o país de maior número de analfabetos.

Reparem...

Se a memória me não falha, no último Congresso, o amigo *Tónio Zé* tratou a fundo da questão, obrigando até todos os pais a enviarem os seus filhos para as escolas.

Acho bem... eu acho até optimo... Mas o que me parece, é que tudo isso ficou a ver navios e em águas de bacalhau, como costuma dizer-se.

Certos pais... a primeira coisa que lhes assoma ao miolo, é ensinar-lhes a trabalhar, a ganhar dinheiro, seja êle por que maneira for...

Escola... isso sim... quem fala nisso, é toleima...

A escola fez-se só para sustentar o professorado e nada mais...

Ele folga... gosa... passeia... diverte-se... vai até ao *rendez-vous* das manas Pinchorras... enfim um pagode. A's quintas-feiras vai à caça, aos domingos descança. De forma que as crianças em vez de aprenderem começam a gostar da pândega como os mestres, e é um regalinho depois ouvi-las dizer duas *larachas* e fazer uma ou outra diabrura filhas da falta de instrução que tiveram.

Uma das condições essenciais para o bom estado era terminar de vez com tais feriados, sobretudo ás quintas que não há razão de existirem.

Pois então! Não veem como estas criaturas inutilizam o porvir?

Toda a gente berra, toda a gente grita, todos dão a sua sentença contra o analfabetismo e não há sequer uma pessoa que se queixe e berre contra tanto feriado!

Eu vejo, pois, que penso duma forma diametralmente oposta ás autoridades escolares, e é tam completa a minha convicção, que estou cõscio que se devia terminar de vez com tanta festa que as escolas promovem, devendo êste pernicioso costume desaparecer para sempre.

Eu sei que brado no deserto,

Gaz. Telha Prato da quinzena (Vida alegre)

Do «Janeiro»

Autoridade roubada

Quando se procedia e um julgamento no Tribunal Commercial, desapareceu de sobre a meza o relógio do Juiz...

E' caso sério, leitor,
E até parece mal,
Um juís assim roubado,
Em pleno tribunal.

Nem testemunhas, nem réo,
Nem sequer o auditório,
Viram o ladrão furtar,
O relógio... Cebolório.

Estou a ver que às vezes,
Se os gatunos veem p'rá rua,
E livres nos julgamentos,
'stão com certeza na lua,

O sôr juís, e advogado,
Enfim todo o auditório,
Provando que o Tribunal,
E' perfeito dormitório.

ZIG-ZAG (sem ser mortalha).

ARREQUÉ...

O director do papelucho «Comércio de Guimarães» apelidou de *taina* o jantar no Hotel da Pênia oferecido por alguns amigos aos srs. Mariano Felgueiras e dr. Sampaio.

O que lhe não ficou na memória, e que o mesmo chamou banquete, foi aquella verdadeira *taina* ao padrecia Júlio em Vizela onde o vivório tomou proporções tais, que certos amigos da Republica quizeram corrê-los a cace...

Sempre o asno perfeito...

mas também sei que dou duas bem puxadas palmatoadas nas mãos dos maganões que em vez de ensinarem, vão desopilar o fígado para casa das *Soisas* e tomar o seu cafézinho em amável colóquio.

Agora, para não findar aqui a dança, estou mesmo a ver que o «14 de Maio» vai dar mais um, de maneira que a petizada lá vai cantarolando, enquanto os livros vão dormindo o sono do Justo Gasta-tempo...

...DE CASTIGO.



Sou um industrial, tez de preto, morena
Baixo e gordo, attitude ampla e serena,
Percorri Portugal do Minho até ao Lis
Uma viagem fiz à Espanha e a Paris
Onde vi coisas espantosas e mui belas,
Bem dignas de pintar-se em quadros, lindas telas:
Notre Dame, Versailles, Louvre, eu visitei,
Boulevards, os Elísios de ver espantei.

Mas antes, quando necessito de jantar,
Procuro um hotel p'ra nêle me hospedar

Peço a lista e escolho. Espero como é o trato
Sopa e mais sopa até vir o sétimo prato,

Mas já bem ensoado espero p'la surpeza
E só queijo me dão... que bela sobrezeza!

Levanto-me depois amaldiçoando a sina
Por não poder falar em linguagom fina

Lingua bem perceptível e bem universal,
Sabida em toda a parte—O Esp'ranto—mundial

Atravesso em seguida as ruas e avenidas
E leio num letreiro em letras bem compridas

Duma rua ao voltar carimbadas a *piche*
A linha: *Defendu d'attacher des affiches* (1)

Súbitamente anoto num punho o letreiro
Um dia passeando o mostro ao cocheiro

Para me conduzir a essa rua invejada;
Ele espantado lê, e solta gargalhada.

Entrei num botequim e pedi um café,
O criado aproxima-se e responde ó lé (2)

—Que sim. Trouxe-me um bul' de café com leite

Porque não haverá em Paris bom café?
E hoje sinto pena em não ir ó *complé* (3)

Que trazem os carros a abarrotar de povo
Que atravessam Paris, modificada em novo,

Dessa grande nação intrépida e guerreira
Tam forte em combater a Alemanha *altaneira!*

—Tambem como politico sou destemido,
Nas horas de p'riego em casa fico metido.

Quando me chamam, sempre doente me faço
E alego que não posso dar nem um passo.

Meus senhores: termino e convêm-me dizer
Democrático, sou *esturrado* a valer!

Acácio Freire.

(1) E' proibido afixar cartazes. (2) Au lait (com leite). (3) Au complet (cheio).

PREVENÇÃO

Avisamos o público que nos lê, que o próximo número do «Espião» só aparecerá no sábado das Gualterianas, por ser um número especial.

FARPAS

Nesta redacção, entre outros, encontram-se os seguintes objectos para serem reclamados:

- Uns óculos inteiros (não confundir com botas)—Para o sr. cônego Zé Maria.
- Uns pratos novos—Para a música velha.
- Dez réis de inteligência—Para o Rolando.
- Meio sermão—Para o sr. Padre Gaspar Roriz.
- Uns pratos velhos—Para a música nova.
- Uma garrafa do fino (pelo reclamo)—Para o João de Deus Pereira.
- Uma corcunda—Para o mestre da banda do 20 sr. Soares.
- Um balão (queimado)—Para a iluminação da casa Vinagreiro.
- Um guarda pó (já usado)—Para o sr. Tomaz Rocha.
- Uma gaiola—Para os canários da Câmara.
- Um novo badalo (oferta)—Para a Senhora da Oliveira.
- Um pedido—Para o Lordeira colocar um novo relógio no Toural.
- Trinta arrobas de desprêzo—Para o chico mendes.
- Metade dum agradecimento—Para o belo di o empregado do triato pela oferta do fioteilhe para as duas récitas do Xabi. E mande sempre que tem um grosso... reclamo cá do periódico.
- Uma pênula—Para o Sôr Pereira.
- Uma pena de lata—Para o escriba Monte.
- Um lapis novo—Para o nosso caricaturista.
- Um Xi apertado—Para todos que comprem o nosso quinzenário.

PIRILAMPO.

!!!

—Então que se diz por aí à caricatura do último número?
 —Estava mesmo ao pintar e você não calcula a casca que ele deu...
 —Ah! sim, então?
 —Não por a caricatura, mas por os versos. Que aquilo não eram coisas que se dissessem, que se consentiu o jogo em Vizela foi com autorização superior, etc.
 —Então também foi com autorização superior que aceitou dinheiro para deixar jogar e para não assaltar cafés, e é com autorização superior que pratica todas as patifarias?
 —Isso é que ele não disse mas o que disse é que se soubesse quem tinha sido o autor disso, que depunha a espada e que ia bater-se com ele a... murro.
 —Isso talvez... mas a cem passos de distância... Que agente e cara alegre.
 —Pois ninguém pode fazer uma pádua idéa do que foi aquilo: barafustou, azedou-se, ameaçou uns e outros, zangateou, amou, chorou, depois cantou, apitou... mas teve de apanhar esse pão à unha!
 —E nós temos de o grampear por infelicidade dos nossos pecados.

Furta-Fogo.

Secção para mademoiselles

POSTAIS

Eu sei que sofres querida,
 Muita dôr, muito martírio
 Que na mágua e no delírio
 Abriga a nossa paixão,
 Mas, se é triste a tua vida,
 Em soluços e lamentos,
 Vem aqui ver os tormentos,
 Dêste pobre coração.

Suspiro: profunda angustia que rebenta na nossa alma e se expande pelos nossos lábios como prova de um sofrer infindo.

Quando se ama uma pessoa ausente, o amor é vivificado por uma constante saudade, que nos consola a todo o momento; outras vezes faz-nos criar dentro do nosso coração, constantes amarguras.

A Esperança é um cofre, grande como o espaço, belo como o azul do mar, radiante como as constelações do firmamento, em que se guardam as delusões da vida, os sorrisos e as lágrimas.

Quem ama sofre, e esse sofrer ora horrroso, ora sublime, acompanha-nos por toda a estrada da vida, até que desapareça nas trevas do passado, o luminoso sol da nossa mocidade.

O Amor é a chama palpitante do objecto amado, é o enlace de dois corações e o reflexo atractivo que ilumina a alma.

PENSADEIRO.

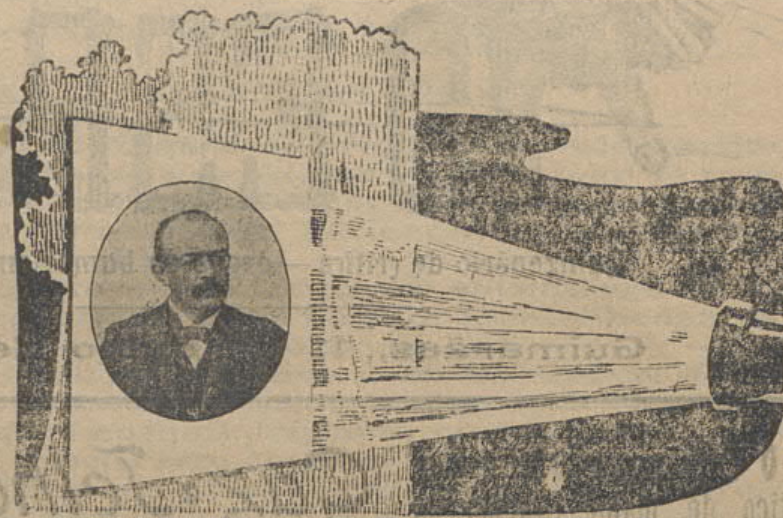
Festas Gualterianas

Trabalha-se com todo o afan nos preparativos para estas Festas da Cidade que se realisam nos dias 31 do corrente, 1 e 2 de Agosto, e que a Comissão tenta levar a efeito com mais brilhantismo do que nos últimos anos. Para os três dias estão contratadas 10 bandas de música e entre elas a banda de infantaria 20 e a banda marcial espanhola do 37 de Múrcia, aquartelada em Vigo, que dará um concerto no Passeio da Independência no dia 2 e que tam apreciada foi em 1906 por esta ocasião. Nos dias 1 e 2 haverá corridas de touros na Praça do Picoto, para as quais o seu empresário, sr. Vitorino de Sousa, de Gaia, espera trazer os melhores bandarilheiros da praça do Campo Pequeno sendo cavaleiros os festejados Casimiro e por especial deferência, João Marcelino de Azevedo e os touros serão duma afamada ganadaria do Ribatejo, pertencente ao ex.º sr. José Lacerda Pinto Barreiros.

Durante as festas queimar-se há fogo de artifício dos mais afamados pirotécnicos e os largos da República do Brazil, D. Afonso Henriques, Passeio da Independência e Rua da República ostentarão vistosas iluminações à moda do Minho e a acetilene.

Exercício pela briosa Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e original e feérica Marcha Milaneza levada a efeito no dia 2 pelos empregados no comércio e que é a chave de ouro com que jecham tam grandiosas festas.

No Cine:



Conhecem-no? E' ele, não há dúvida. Espirito folgação, é um grande apaixonado das «Gualterianas» e um amante entusiasta da sua terra que ele deseja ver engrandecida.

As «Gualterianas» devem-lhe a sua razão de ser, e hão de prosseguir avante, porque ele, o seu promotor, assim o deseja.

Dotado duma intelligência lúcida, é um belo carácter, muito esmoler e caritativo. Tem às vezes alguns ditinhos picantes que provocam o riso a quem os ouve. Cheio e baixo, atravez dos vidros dos seus óculos de aros de oiro, enxerga tudo e todos e às vezes quem sabe (?) talvez tam-

bém alguma donzela que passa pelo Toural.

Já uma vez o incomodamos pedindo-lhe algum dinheiro para uma pândega e que ele nos deu de bom grado.

De todos os Melos distingue-se pela sua estatura quasi liliputiana e pelos seus pés pequeninos que bastante o magoam devido aos calos.

Cumprimenta toda a gente sempre com um sorriso nos lábios.

E' um bom. Mas como o estamos a massar, adeus se Joãozinho, e desculpe-nos a ousadia, sim?

VIALBA.

Extractos da Pinha

- Acavalados**—Os meus dentes.
- Aceitação**—(não teem). Os monárquicos cá do burgo.
- Aceitar**—(um escudo). O que eu fazia de bom grado, pelo trabalho desta secção.
- Acelerado**—Andar a nove.
- Accionistas**—Os que menos consumo fazem.
- Acumulador**—Cidadão com vários empregos.
- Aceno**—Gesto idêntico às armas de S. Francisco.
- Acéfalo**—O farmacêutico do Alves Mendes.
- Acerejadas**—Certas madames que uzam carmim.
- Acérrimo**—O Sr. Brito Camacho.
- Acertar**—Dar no vinte.
- Acetato**—(de chumbo). Droga usada no laboratório de Asépsia.
- Acético**—(ácido). O que certos tasqueiros nos impingem como bom vinagre.
- Achado**—(um). O «14 de Maio».
- Acobardado**—Criatura que apanha da mulher depois das 11.
- Acocorar-se**—Abaixar-se atraz do muro.
- Açogue**—Lugar para onde deviam ir certos maduros.
- Acreditar**—(não querem) Que isto agora vai de vento em pópa.
- Acrobata**—Um menino que faz piruetas.

Linguístico.

Cerâmica de Bordalo Pinheiro

E' amanhã que esta cidade terá o gosto de apreciar em exposição na Sociedade Martins Sarmiento as artísticas faianças das Caldas da Rainha tam apreciadas não só em Portugal como no estrangeiro.

Porisso, Bordalo Pinheiro representado em Guimarães por Gonzaga Gomes, espera a visita de todos os vimaranenses para se certificarem da verdade destas afirmações.

É ÉLE!

Bonito? não, elegante, E' direito e veste bem. Com o seu ar petulante Nesta terra ser alguém.

A falar, é um pimpão Fino... como o bom melão. Sim, diz muito o marmelada Embora não diga nada.

Petas... lá de vez em vez, Uma agora... cem por mês... Ah! mas são tão bem metidas, Que a gente ouve... e faz-lhe figas.

José Gois.

A «MUSA VIL»

Até que enfim surgiu este livro de versos de Leão Martins que há perto de um ano estava encravado no prelo. Já o lemos. Tem sonetos muito bons. Agora o que desejamos é que ninguém deixe de o comprar porque é digno de ser lido por todos.

Ao Luís Teixeira Jacinto

(Para o seu 26.º aniversário, no dia 15 do corrente).

Sei que vais fazer anos, de maneira Pertence-me, é de minha obrigação, Mandar-te os parabéns, e, num cartão, Escrever:—«afinal é uma asneira!»

E' claro que tu deves compreender, Segundo me parece, Que quem faz muitos anos envelhece, E coisa velha é prestes a p'ecer.

Por isso não desejes fazer anos, No mundo de ilusões e desenganos, No mundo de miasmas injectado:

Esquece para sempre (que alegrial) O dia em que enxergaste a luz do dia, E continua a gosar o teu bocado...

LEÃO MARTINS.

SECÇÃO ALEGRE

—Adeus João, como vais?
—Muito mal!
—Então que te aconteceu?
—Ontem quando passava ao Tortal fiquei debaixo da moto do José do Amaral...
—Lastimo bastante.
—Não, meu amigo, não. Fui eu que sonhei, quando estava deitada sobre a minha cama.

—Quem é, Maria?
—E' o empregado do Jordão que deseja vêr o contador.
—Então, vá lá abaixo atraz da porta e mostre-lho.

—Oh sr. Patrício onde poderrei comprar a vós de conserva?
—Muito fácil. Vai a uma casa de músicas e compra um gramofone.

Tenente Fraga—Diga uma coisa oh militar: Se acaso viesse aqui o Presidente da República você que fazia?

Magala (de Celorico)—Apresentava armas.

Tenente Fraga — Muito bem. Mas se viesse uma multidão de monárquicos todos armados você que fazia?

Magala—Apresentava novamente armas.

Tenente—Está doido... ou faz-se?

Magala (refletindo) — Sim meu tenente. Podia ser que de entre essa multidão viesse também o sr. Presidente da República.

—Porque lês com tanta atenção esse jornal?

—Estou a lêr a estatística dos matrimónios celebrados durante o ano.

—Isso interessa-te?

—Interessa sim... quero saber se se casaram mais homens do que mulheres.

...DE GRAÇA.

AVISO

Prevenimos os nossos estimados assinantes que de ora avante não satisfaçam os pagamentos dos recibos sem verificarem nas costas dos mesmos a chancela monograma A. D.

O ESPIÃO vende-se no Quiosque do sr. Torcato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

A quinzena cómica

Ao fim da tarde de um dos últimos dias da semana finda no adro duma aldeia, a garotada sentada em roda do cruzeiro discutia alegremente a fésta dos anos do sr. abade que era mesmo um gôsto vê-la.

Muros abaixo, num grande campo coberto de latadas, numa casinha branca como o véo das noivas, janelas abertas á viração do norte por onde entravam em ondas sonoras os cantos das ceifeiras, o pastor de almas cândidas, cabelos a nevar, reunia os seus amigos íntimos em grande comensaina, dizendo-se graçolas inofensivas, ditos picantes, palavrinhas doces e olorosas como o incenso das madresilvas que sorriam aos últimos beijos do sol poente.

Batem palmas e um do grupo grita:

—Viva, sr. doutor! Era um estudante, ainda em preparatórios, todo emproado, de cravo branco ao peito, que ia visitar a sobrinha do abade, formosa serrana, forte, roliça, olhos andrinos, braços nus, penugentos, apetitosos...

O bom do abade, que era um poeta do estofa do *Maduro de Atães*, atra-lhe á cara, limpa de barba, com esta jocosa décima que produz hilaridade:

«Tendes o cravo ao peito,
O lugar impróprio é;
Pois se o tivesses no pé
Era o lugar mais perfeito;
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura
E' só com doce brandura,
E sem vos fazer agravo,
Dar-vos pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.»

O estudante, vermelho como uma romã, fita o abade por momentos de indecisão.

Este diz-lhe então meigamente:

—Dê-me o cravo...

O doutor, ainda em preparatórios, leva rapidamente a mão direita á lapéla, tira o cravo e ao depositá-lo na mão carnuda do abade fez-lhe esta recomendação:

—Pela falta de um cravo não fique a besta por ferrar!

Retumbam novas e estridentes gargalhadas e a festa continua até ao toque de *Matinas*, na maior cordealidade possível.

Festejavam-se alegremente os anos do abade.

Ranchos enormes deromeiros atravessam a cidade, a minha terra muito amada, em estridulos cantares, ao som da desafinada viola ou do machête, instrumentos que o povo dos campos aprendeu a tocar logo em criança, num ritmo ora arrastado, ora rápido, entoando canções da sua terra, belas, formosas, simples, ardentes, inspiradas:

«O' Maria, tôla, tôla,
Olha o que fôste fazer,
Fôste casar c'um soldado,
Mais te valera morrer.»

E mais esta que pude arquivar:

«O meu coração é terra,
Hei-de mandá-lo lavar,
P'ra semear os desejos
Que tenho de te falar.»

Vão para o S. Torcato, a grandiosa e mais importante romaria do Minho, sempre nova, extraor-

dinariamente concorrida na mais imponente manifestação de fé, amor e piedade cristã.

Estrada fora, debaixo da soa-lheira intensa, cobertos de pó, caminham aos saltos, aos encontros, gritando uns aos outros.—*Chó burro que me fazes cair!*— e as raparigas a rir, a gargalhar, limpando as *caraminhas* ao avental em préguintas, associam-se á brincadeira, monologando: —*O' Chédas vai quieto; stás bruto, meu diabo!*— para logo em seguida uma delas soltar ao namorado, que lhe vai ao lado, est'outra cantiga:

«Os teus olhos tentadores,
São escuros, côr d'amora...
Mas tem mais brilho e fulgores
Do que a luz branca da aurora!»

E êle por sua vez responde:

«Os teus olhos resplendentes,
São ternos como o arrebol...
Mas, ao mesmo tempo ardentes
Como um cáustico do sol!»

Um dosromeiros previne:

—Aos lados, povo, aos lados que ai vem carro.

Todos obedecem. De facto o veículo passa pejado deromeiros que saudam, em alta grita, os que vão a pé! *Viva a folia! Viva a pândega!*— bradam uns; outro remata:

—Viva S. Torcato!

Em cõro esganiçado, respondem todos, entre palmas e risadas prolongadas:

—Viva! Viva!

Rufam as pandeiretas doutro rancho que se lhes junta e era de vêr como aquela *turba multa* caminhava então mais alegre e irrequieta, á torreira do sol, envolta no pó da estrada, para o bulicio tumultuoso da grande romaria, numa prodigiosa expansão de júbilo, reflectindo no lúcido cristal das estrofes populares os mais recônditos estados da sua alma.

Baixinho, como o cíciar da brisa, ouvi, a uma mocetona em gracioso traje campezino, esta pergunta feita ingenuamente a um rapagão que a seguia *vis-à-vis*:

—«O' Tónio, quanto dèste pelo teu chapéu novo?»

Ele ingenuamente também respondeu:

—«Eu nem sei, Zefa; quando o fui comprar não estava ninguém na chapelaria.»

Sim, senhor. Acredito que o chapéu novo que êle levava na cabeça para a romaria lhe ficasse pelo preço da *fadiga*...

E fiquei-me na *Madre de Deus* a tomar a *fresca limonada*...

FERRABRAZ.

Luis Teixeira Jacinto

Faz anos no próximo dia 15, êste nôvel poeta, nosso amigo e distinto colaborador; a quem apresentamos o cartão de parabêns.

Todas as noites no Minho e Douro, çanfalho, pera, bigode e barretina da C. P. com água de Vidago e Carabaña, vinho tinto e branco.

"MUSA VIL,"

(Versos) por Leão Martins

Acaba de nos ser oferecido pelo autor um belo exemplar desta obra. E' um nôvel poeta que pelo primeiro livro que publica foi feliz e por isso temos de o enfileirar com os poetas mais consagrados do nosso tempo. Cheia de espontaneidade e simpleza empolgante, a «Musa Vil» encerra uma certa naturalidade com que o seu autor nos descreve a Arte e a Beleza emolduradas naquelas estrofes que contêm.

São versos de alma os que acabamos de ler através dos quais há laivos de lancinante amargura que só êle sabe transmitir aos que o leem.

Sabida a verdadeira amisade que nos liga e que obsta a que prestemos homenagem ao seu talento, porquanto os nossos elogios certamente podiam ser tomados por favor, só dizemos mais que o livro em questão é digno de ser preferido a quaisquer outros que por aí há e se compram às cegas.

Felicitando o autor pela sua obra agradecemos a oferta e as palavras imerecidas que na dedicatória nos dirige, e apresentamos aos leitores o seguinte soneto:

A PASTORA

Passa os dias, no monte, a pastorinha
A vigiar o gado
—A Rosita de faces, cõradinha
Que desperta a atenção no povoado.

Resa a divina voz da pastorinha
Canções do pegureiro apaixonado,
E olha ao redor par'cendo que adivinha
Que, para além, o gado anda afastado...

Corre e salta com graça; e, ao depois,
Tangendo-o, ela diz:—Travessos bois
Que mansos não pastais!

Finda a labuta: a tarde vai passando...
O Sol incandescente vai tombando...
E o gado recolhendo-se aos currais.

Leão Martins esforçou-se para que a «Musa Vil» agrade a todos, e assim estamos certos e desejamos que depressa se esgotará esta edição.

VIRGINIO BAPTISTA.

Por um centavo

Teatro D. Afonso Henriques

Hoje—High-Life—«A formosa Bretã».

Teatro Gil Vicente

Hoje—Inauguração do Centro Azul e Branco.

Juventude Católica

Ontem, hoje e amanhã—»Juizo na bola».

Praça de Touros

Hoje—Corrida de gatos amestrados sob a direcção de Mgr. Gonçalves, domador francês.

Fricções mercuriais

Dadas com todo o cuidado, pela longa prática que adquiriu em Vizela, encarrega-se

José de Almeida Caldas,
Rua Egas Moniz, 79, antiga Rua Nova do Comércio.

Loja de Sola

— DE —

Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortido em sola, cabedais e miudezas próprios para sapatarias.
Artigos de luxo para calçado.
Grande sortido em fivelas e aperta-laços para senhora e criança.
Exportação de calçado e depósito de malas de chapa e couro.
Preços baratíssimos.

13, Rua de S. Dâmaso, 15 — GUIMARÃES

BOLACHA INGLESA

— DE —

Hutley, & Palmers, Grawford's Carr's e Peek Frean & C.^{as}

MANUEL JOAQUIM DA CUNHA & MENEZES

Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

Massas alimenticias nacionais e estrangeiras

CHAMPAGNE E CONSERVAS

MERCEARIA---CONFEITARIA

MERCEARIA E CONFEITARIA ANDRADE

32, Largo da Oliveira, 33

Guimarães

Virgílio Vieira de Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguêses habituais da casa, que acaba de tomar de trespasse, a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.^a qualidade, e de confeitaria, como: sônhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo sistema de Margaride, frutas sêcas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a máxima perfeição e aceio.

Vinho tinto delicioso; cervejas e gasosas.

Apetitosos petiscos:
excelente queijo da Serra e flamengo.

Travessa do Monte Pio, à Senhora da Guia
Preços razoáveis.

Ao guarda-sol elegante

Depósito de guardasóis e bengalas

154, Rua da República, 160

GUIMARÃES

João Carlos Vieira de Andrade previne os seus amigos que acaba de tomar de trespasse a antiga e conhecida casa dos guardasóis, estabelecida há longos anos na antiga Rua da Rainha.

Neste estabelecimento encontrarão sempre grande sortido de guardasóis e bengalas, por preços convidativos.

Também continua a encarregar-se de todos os concertos de guardasóis, desde o mais simples ao mais dedicado que apareça, tudo por preços sem competencia.

Uma visita ao estabelecimento, a titulo de experiência, será o suficiente para se certificarem da verdade do que fica dito.

Também previne os seus interessados fregueses que se não responsabiliza pelos concertos em guarda-sóis passado o prazo de um mês.

O proprietário desta antiga e acreditada casa avisa o excelentíssimo público que é representante da afamada casa de paramentaria do Porto Monteiro Borges, encarregando-se dos concertos e vendas pelo mesmo preço dessa casa.

A Flôr de Guimarães

Mercearia e Confeitaria
DE

Ribeiro & Sobrinho

Especialidade em chá, café e azeite.

Neste novo estabelecimento, situado no Largo da Oliveira, n.ºs 14, 15 e 16, encontra-se à venda todos os artigos de mercearia tais como arroz, assúcar, bacalhau, massas alimenticias, bolachas, vinhos finos. Café moído à vista do freguês desde 550 reis a 900 reis o kilo.

Azeite de sua qualidade a 140 e 150 o meio litro. Uma visita à FLOR DE GUIMARÃES

Oficina e Depósito de Calçado

— DE —

SERAFIM DA ROCHA

DEPÓSITO:

Rua Egas Moniz (antiga Rua Nova do Comércio)

Nesta casa fabricam-se calçado de sola e tamancos de todas as qualidades.

COSTA COLCHOEIRO

RUA EGAS MONIZ, 11—GUIMARÃES

Executa com perfeição e rapidez todos os trabalhos que digam respeito à arte de colchoaria. Também se encarrega da colocação de cortinas e toldos.

Preços módicos.

O ESPIÃO

Publicação quinzenal

1 ANO

O ESPIÃO N.º 2 (2.ª SÉRIE N. 14)

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adiantado)

Ex.^{mo} Sr.

Trimestre, . . . 12 centavos (120 rs.)
Pelo correio aumenta 3 centavos (30 rs.)
para o porte e cobrança.

Anúncios e com., linha 4 cent. (40 rs.)
Repetição, linha . . . 2 » (20 »)
Anúncios não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.